

# Do Decreto Eterno de Deus

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

Seção I – Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas.

Ef. 1:11; Rm. 11:33; Is. 45:6-7; Hb. 6:17, Rm. 9:15,18; Sl.5:4; Tg. 1:13-17; 1Jo. 1:5; At. 2:23; Mt. 17:2; At. 4:27-28; Jo. 19:11.

Seção II – Ainda que Deus sabe tudo quanto pode ou há de acontecer em todas as circunstâncias imagináveis, ele não decreta coisa alguma por havê-la previsto como futura, ou como coisa que havia de acontecer em tais e tais condições.

Pv.16:33; At. 15:18; 1Sm. 23:11-12; Mt. 11:21-23; Rm. 9:11-18.

A Reforma Protestante, o maior despertar religioso desde os dias dos Apóstolos, foi caracterizada por um zelo em entender-se a Palavra de Deus. Não somente os seus ensinamentos óbvios foram enfatizados – por exemplo, a suficiência da obra de Cristo para a nossa salvação e a futilidade do purgatório e a penitência – mas também suas doutrinas mais profundas – por exemplo, predestinação – foram cuidadosamente examinadas.

Contudo, dois ou três séculos depois, após o amor de muitos ter esfriado, e quando a incredulidade chegou como um dilúvio, os desencorajados e fragmentados fiéis se tornaram Fundamentalistas e ficaram contentes em defender umas poucas doutrinas vitais. Algumas vezes eles até mesmo disseram que os cristãos não deveriam se aprofundar na Escritura. Isso é presunçoso, inútil, e pior de tudo: gera discórdias.

Tal atitude não é recomendada nas Escrituras, nem foi a prática dos Reformadores e dos teólogos de Westminster. A Bíblia diz que toda a Escritura é proveitosa para doutrina, não apenas algumas partes. E os Reformadores não recuaram diante das passagens difíceis: sobre predestinação, pré-ordenação e os decretos eternos de Deus. Na verdade, essas passagens não são difíceis de entender, embora muitas pessoas achem difícil crer nelas. Mas se elas são as palavras de Deus, então deveríamos estudar, crer e pregar as mesmas.

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em janeiro/2007.

A Confissão de Westminster, resumindo a Bíblia, afirma no Capítulo III que Deus desde toda a eternidade ordenou tudo quanto acontece. Obviamente, se Deus é onipotente, e nada pode frustrar sua vontade, e se ele decidiu fazer um mundo, então todas as suas criaturas e todas as ações delas devem ser de acordo com o seu plano.

Isso é fácil de entender; mas muitas pessoas acham difícil crer que Deus planejou ter o pecado no mundo. O Capítulo III da Confissão significa que Deus comete pecado? E mesmo no caso do homem fazer algo bom, isso significa que Deus faz o homem praticar o ato bom, embora o homem desejasse fazer algo mal? Essas questões têm deixado muitas mentes perplexas, mas a primeira pergunta é: O que a Bíblia diz? Se a Bíblia fala sobre pré-ordenação, não temos o direito de evitar tal assunto e nos manter em silêncio.

Resumindo a Escritura, a Confissão diz aqui que Deus não é o autor do pecado; isto é, Deus não faz nada pecaminoso. Mesmo aqueles cristãos que não são calvinistas devem admitir que Deus em algum sentido é a causa do pecado, pois ele é a única causa última de todas as coisas. Mas Deus não comete o ato pecaminoso, nem aprova ou recompensa o mesmo. Talvez essa ilustração seja falha, como são a maioria das ilustrações, mas considere que Deus é a causa primeira ou última de eu escrever este livro. Quem negaria que Deus é a causa primeira ou última, visto que ele criou toda a humanidade? Mas embora Deus seja a causa deste capítulo, ele não é o seu autor. Se fosse, o mesmo seria muito melhor!

As referências da Escritura mostram claramente que Deus controla a vontade dos homens. Durante a rebelião de Absalão contra Davi, Husai deu um conselho mau, mas Aitofel deu um conselho bom para Absalão. Contudo, disseram Absalão “e todos os homens de Israel: Melhor é o conselho de Husai, o arquita, do que o de Aitofel. Pois ordenara o SENHOR que fosse dissipado o bom conselho de Aitofel, para que o mal sobreviesse contra Absalão” (2Sm. 17:14). É claro então que Deus, em seu propósito de trazer o mal sobre Absalão, controlou a vontade de Absalão e dos seus homens de tal forma que eles escolhessem o mau conselho de Hushai, ao invés do bom conselho de Aitofel. Ao controlar a vontade desses homens maus, Deus estabeleceu o trono de Davi, a partir de quem descendeu o Messias.

Isso não significa que foi feita violência à vontade das criaturas. Não é como se os homens quisessem adotar o plano de Aitofel, mas então foram forçados a seguir Husai contra os seus desejos. O processo psicológico deles acabou num desejo de seguir o plano de Husai. Mas deve ser notado que Deus estabeleceu o processo psicológico tão verdadeiramente como estabeleceu o processo físico.

Isso equivale à frase seguinte: “nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas”.

No caso de Absalão, as causas secundárias foram os processos psicológicos. A decisão feitas pelos homens de Israel não foram feitas em oposição a esses processos, nem sem os mesmos. Deus estabeleceu tal processo para o propósito de cumprir sua vontade. Ele não arranja as coisas ou controla a história à parte das causas secundárias.

Para mencionar outros exemplos: Deus decretou tirar os filhos de Israel do Egito; mas eles tiveram que andar por si só. Deus decretou que Salomão construísse o templo; mas Salomão teve que coletar os materiais. Deus não decreta o fim à parte dos meios. Ele decreta que o fim será realizado por meio dos meios.

Uma discussão adicional dessas questões pode ser encontrada no livro *The Cause of God and Truth*, de John Gill (um Batista do século dezoito), publicado pela Sovereign Grace Book Club.<sup>2</sup> Veja particularmente as páginas 183-198. Também, *Religion, Reason, and Revelation*, do presente autor, capítulo V; publicado pela Presbyterian Reformed Publishing Company, 1961.

A importância da seção II se torna muito clara quando a idéia da graça somente for examinada mais adiante. Aqui, de uma forma geral, é necessário apenas entender que Deus não obtém seu conhecimento observando como o mundo se desenvolve. Não somente é desnecessário, ou melhor, impossível, que Deus deva ter que esperar para descobrir o que acontece; mas o conhecimento de Deus não depende do seu olhar para o futuro a fim de ver o que acontecerá. O inverso completo! Deus não decretou que Davi derrotaria Absalão porque sabia de antemão que faria isso. Antes, Davi venceu porque Deus decretou isso!

Na sociedade humana, os homens freqüentemente mudam seus planos. Algumas vezes eles mudam suas mentes voluntariamente; algumas vezes acidentes impedem que eles realizem os seus planos. Obviamente, portanto, a situação humana não faz paralelo à situação divina. Mas se tentarmos fazer concessões, podemos perguntar: “Eu decido usar o Peão da Rainha ao iniciar um jogo de xadrez porque de alguma forma posso predizer que isso é o que aconteceria; ou eu sou capaz de predizer que usarei essa jogada de abertura porque decidi fazê-lo?” A resposta é óbvia, não é?

**Fonte:** *What Do Presbyterians Believe?*, Gordon Clark, Presbyterian and Reformed Publishing Co., páginas 36-39. Para saber mais sobre Gordon Haddon Clark (31/8/1902 – 9/4/1985), esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo*.

<sup>2</sup> Nota do tradutor: Disponível gratuitamente na internet no link abaixo:  
[http://www.pbministries.org/books/gill/gills\\_archive.htm](http://www.pbministries.org/books/gill/gills_archive.htm)